

Cumpro o que me foi encarregado por nossa coordenadora Helena Maffei Cruz: escrever este editorial da edição 39 da *Nova Perspectiva Sistêmica*. Cumpro com prazer, mas com o receio próprio de quem se julga aquém do tamanho da tarefa. Não perguntei a Helena sobre o porquê do pedido. Agora, quando começo a escrever, estranho não tê-lo feito. Mas, em vista das mudanças na revista a serem anunciadas, me dou conta de que passo a ser o elo entre o passado e o presente da NPS. Se não foi essa a razão do convite, é a que gerou mais sentido e com a qual prefiro ficar e, por isso, opto por não perguntar!

Em 1991, ano de lançamento da revista nº 1, minha turma de formação no Instituto de Terapia de Família – ITF-RJ – estava no penúltimo ano. André Rego, Jorge Bergallo, Helena Júlia Monte e eu formávamos o Grupo Gaia, em alusão à teoria da Terra como ser vivo, de Lovelock. Uma denominação que nós quatro nos atribuimos, informalmente, e que seria um embrião do que, três anos depois, já formalmente, se tornaria o Instituto Noos. Naquela época, como até hoje, a alegria e o humor marcavam presença em nosso cotidiano e, por termos esta marca como grupo, fomos convidados por Gladis Brun, diretora do ITF na época, e idealizadora da revista, a nos responsabilizarmos pela seção de humor, o que prontamente aceitamos. Assinávamos a seção como GAIAtos. Algumas charges, idealizadas por nós e desenhadas por artistas convidados, talvez hoje não passassem pelo crivo do politicamente correto!

Essas memórias me levaram a reler o primeiro editorial assinado por Gladis Brun e Rosana Rapizo. Elas definem como escopo de interesse da revista o campo de confluência entre o paradigma sistêmico – a Teoria Geral dos Sistemas e os modelos cibernéticos – e o campo da saúde mental. Mas, como público, mencionam não só os terapeutas de família e casal como também os profissionais do campo empresarial e do educacional, apontando, desde este início, para uma visão integrativa e para um público ampliado e multidisciplinar. Interessante também foi reler a apresentação que Maria Rosa Glasserman e Adolfo Loketek fizeram para a revista. Eles eram diretores, à época, do CEFYP – Centro de Famílias y Parejas, de Buenos Aires, e tiveram intensa participação no início do próprio ITF. Em sua apresentação, conclamam a revista a ser um veículo de troca sul-americano.

Após o lançamento do segundo número, em junho de 1992, no momento em que minha turma chegava ao término da formação, fui convidado por Gladis

e por Lia Carvalho, coordenadora de produção da revista na época, para ser, a partir do n. 3, seu produtor executivo, função que continuo a ocupar. Lia Carvalho, terapeuta de família também formada pelo ITF e uma das fundadoras do Mosaico – Instituto de Pesquisa em Sistemas Humanos –, foi, de fato, além de coordenadora, a viabilizadora da revista, por tê-la financiado inicialmente. A partir do n. 5, publicado em junho de 1994, apenas um mês depois de sua fundação, o Instituto Noos passou a ser responsável pela produção da revista. Isto não foi mera coincidência. Com a saída de Lia da coordenação, e no anseio de assumirmos esse desafio, antecipamos a formalização da criação do Noos. A continuidade da revista foi possibilitada financeiramente pela venda continuada do estoque dos primeiros quatro números da revista, doados ao Noos por Lia Carvalho, e pela veiculação de anúncios de institutos de formação do Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte e até de Buenos Aires.

A partir da edição 26, de novembro de 2006, a revista passou a ser o produto de uma parceria de três instituições: ITF-RJ, Noos e Familiae, tendo Helena Maffei Cruz, do Familiae, como coordenadora do Comitê Editorial a partir de então. Mas esta não foi a única novidade. A revista ganhou novo formato e, como anuncia Rosana Rapizo no Editorial, passou a incluir temas de pesquisa, formação, construção conceitual e a abarcar práticas sistêmicas para além da terapia de família.

Na edição 29, de novembro de 2007, nova mudança foi anunciada, dessa vez, a passagem do nome do ITF-RJ para Multiversa, refletindo no nome as mudanças institucionais ocorridas na história do inesquecível Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro.

Para esta edição, a de número 39, me coube anunciar outra mudança na parceria institucional responsável pela publicação da *Nova Perspectiva Sistêmica*. Passamos a contar com o INTERFACI – Instituto de Terapia: Família, Casal e Indivíduo. A instituição, polo formador de Terapia Comunitária Integrativa em São Paulo, foi fundada e é dirigida por Marilene Grandesso, reconhecida profissional tanto na área de Terapia de Família como na área de Terapia Comunitária Integrativa, tendo inúmeros artigos e livros publicados. E é com muita honra e satisfação que os institutos Noos e Familiae recebem o novo parceiro nisso que é um desafio e uma aventura: publicar uma revista científica em nossa área no Brasil.

Na mudança, não contaremos mais com o Multiversa como instituição partícipe da parceria, pois a instituição deixou de existir formalmente. Mas continuaremos contando com Rosana Rapizo e Eloisa Vidal Rosas, suas ex-diretoras, pois estas continuam seu trabalho integrando a equipe de formadores do Instituto Noos.

Instituição gestada no interior do ITF-RJ e que nasceu induzida pela revista *Nova Perspectiva Sistêmica*, o Noos, desde 2008, tem a alegria de dar continuidade ao curso de formação em terapia de família iniciado no ITF-RJ em 1988 e, mais ainda, de contar, em seus quadros, com duas de suas fundadoras, ex-mestras e, agora, colegas de trabalho. Estando Eloisa Rosas na coordenação do curso de formação em Terapia de Família.

No bojo dessas mudanças, para compor o Conselho Editorial da revista, como coeditor pelo Noos, convidamos o psicólogo Adriano Beiras, terapeuta de famí-

lia formado pelo Familiare Instituto Sistêmico de Florianópolis, doutorando em Psicologia Social na Universidade Autônoma de Barcelona, integrante de grupos universitários de pesquisa no Brasil e na Espanha e que já havia participado de equipes de trabalho no Noos, nos poucos meses de sua estadia como morador do Rio de Janeiro. A partir deste número, Adriano passa a colaborar conosco no diálogo com autores, Conselho Editorial e pareceristas.

Esperamos que a nova parceria dê continuidade a este importante veículo de troca de experiências e construção do conhecimento em nossa área, enfrentando os desafios que estão por vir de, não só mantermos viva a ideia da revista, como de viabilizá-la como fonte de inspiração e de conhecimento de seu público.

Para esta edição, contamos com um artigo escrito por oito autoras que, além de integrantes do Grupo de Trabalho Família e Comunidade da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, são nomes expressivos em diferentes centros universitários brasileiros e no campo de terapia de família. Seu artigo, *Subsídios para políticas públicas de apoio às famílias*, vem preencher a lacuna de termos, em um único texto, as principais referências sobre a família nas leis brasileiras, considerações sobre mudanças estruturais vividas pelas famílias contemporâneas e questões decorrentes dessas mudanças, além do levantamento de alguns temas que precisam ser observados ao considerarmos as famílias e as políticas públicas no Brasil. Na sequência, temos mais três artigos que, embora tenham focos diversificados, tangenciam o tema da atenção às famílias nas políticas públicas. O primeiro deles, de Miriam da Graça Fernandes da Silva e Mirian Blanco Muniz, traz o atendimento realizado em uma clínica social a um casal encaminhado por uma psicóloga judiciária do Setor de adoção e levanta as possibilidades de um trabalho terapêutico numa situação de “terapia involuntária”, quando a demanda inicial não parte dos que serão atendidos. O segundo relata uma pesquisa-ação realizada com avós que reivindicam na justiça a guarda de seus netos e o seu relacionamento com seus filhos. Nele, Vanessa Cardoso e Liana Fortunato Costa discutem temas como ciclo vital do idoso, conflitos geracionais e conflitos familiares resolvidos nos tribunais. O terceiro aborda o tema do impacto do surgimento de uma doença mental, em especial a esquizofrenia, sobre os irmãos de seus portadores. Fernanda Santos, Fernanda Pimentel e Cecília Villares perguntam a si mesmas que sentidos e sentimentos são gerados nessas relações fraternas, após a eclosão da doença, visto que nessas relações o cuidado pressuposto é mais de reciprocidade e não tanto unidirecional, como na relação pais-filhos. Embora fuja do escopo do trabalho, não podemos deixar de nos questionar após a leitura: como um apoio mais efetivo do Estado às famílias de portadores de esquizofrenia refletiria nesta delicada relação entre o portador e seus familiares-cuidadores, em especial, seus irmãos? Esses quatro textos suscitam reflexões sobre o campo psicossocial e sobre práticas sociais promotoras de saúde.

O artigo seguinte é o de Paula Cristina Rezende que, de forma singela, compartilha suas conversas internas ao longo de um trabalho de atendimento de grupo, realizado durante sua formação em terapia de família, nos brindando com alguns conceitos que utiliza para pontuar suas considerações. O argentino Jorge Daniel Moreno, na sequência, poeticamente nos desafia a pensar os limi-

tes do que consideramos como “amor de casal”. E, fechando a parte dos artigos, temos o comovente *Árvore da vida*, em que somos apresentados à metodologia de mesmo nome, utilizada no trabalho com crianças que vivem em situação de vulnerabilidade e suas comunidades.

Compondo a revista, temos ainda as seções Ecos, Estante de Livros, Conversando com a Mídia e Família e Comunidade em Foco. Na Ecos, Marília Pereira e Roseli Righetti dialogam com o artigo publicado na revista 38, *O psicólogo na comunidade: abordagem psicossocial e grupal às famílias*. Em Estante de livros, Helena Maffei Cruz nos convida à leitura de um romance como forma de nos expormos a situações relacionais preciosas, capazes de dialogar com nossas experiências clínicas. Em *Conversando com a mídia*, continuaremos a pensar na delicada relação conjugal, através da sensível reflexão que Rosana Galina faz do filme *Cerejeiras em flor*. E em Família e Comunidade em Foco, busco contribuir para o debate sobre os profissionais do serviço social e a prática clínica, trazendo elementos da resolução do conselho federal da categoria sobre o tema, publicada em maio do ano passado.

Que os bons ventos da mudança inspirem a todos.

Boa leitura!

**Carlos Eduardo Zuma**